

Prefácio

Dirce Maria Antunes Suertegaray

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SUERTEGERAY, D.M.A. Prefácio. In: SOUZA, R.J. *Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 6-8. ISBN: 978-85-64905-98-6.
<https://doi.org/10.7476/9788564905986.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Paisagem e Socionatureza: olhares geográficos-filosóficos é um livro necessário. Um livro que, ao fazer um diálogo da Geografia com a Filosofia, revela a necessidade de uma construção teórica em Geografia de maior solidez. Ao fazer sua leitura, inúmeras questões se colocam. Não cabe aqui o debate; cabe aqui expressar sua importância e parabenizar o autor pela sua publicação.

A partir de uma reconstrução do conceito de paisagem, resgatando clássicos da Filosofia, desde Platão e Aristóteles a Kant, o autor expressa sua busca num diálogo aprofundado e associado a sua prática acadêmica, interagindo com colegas de além-mar (Coimbra e Lisboa).

Esse deciframento está ancorado no conceito de paisagem em diálogo com o pensamento filosófico e histórico, ao mesmo tempo em que explicita as diferenciações conceituais entre natureza e espaço.

O autor afirma que paisagem é natureza e que natureza não é paisagem. Da mesma forma, espaço não é paisagem, mas a compõe. Todas essas questões levantadas são pertinentemente respondidas a partir de seu eixo reflexivo.

Sem dúvida, é um texto que suscita um efetivo debate sobre conceitos utilizados na Geografia, muitas das vezes impensados, ou constituindo metáforas, na medida em que são importados e trazidos ao *corpus* analítico da Geografia sem a reconfiguração necessária.

Sua dimensão conceitual de paisagem ultrapassa a velha máxima de que *é aquilo que a vista alcança*, na medida em que, para além da observação, argumenta sobre a implicação estética de quem a observa. Nesse sentido,

amplia o conceito, fundamentando-se no campo filosófico, e explicita que, para conceituar paisagem, é preciso compreendê-la como conexão entre o Céu e a Terra, o sublime e o belo, o ilimitado e o limitado, o exterior e o interior, a razão e a emoção, sem, contudo, advogar a exclusividade da subjetividade. Portanto, paisagem é materialidade vivenciada, pensada, construída, seja em seus constituintes naturais ou socionaturais. Conceito que resgata de Erik Swyngedouw para demonstrar seu hibridismo e, a partir daí, reflete sobre um sentido amplo de paisagem que promova a unificação da sociedade com a natureza.

Respaldado na estética que se revela em Humboldt e em Kant, incorpora a ética, na medida em que associa o belo de uma paisagem com o direito existencial de vivê-la, que foi desconstruído pela modernidade. É com o valor ético que expressa sua preocupação com os processos sociais, que também poderiam, na sua leitura, ser entendidos através da análise da paisagem em associação estética-ética.

Toda essa construção parte da prática de um jovem docente que, ao assumir seu trabalho numa Instituição Federal de Educação, tem a possibilidade de, em sendo professor, atuar com tempo para pensar. Nesse sentido, esse texto me fez refletir sobre outra dimensão, que é, também, uma preocupação do autor: o ensino de Geografia em seus diferentes níveis. As condições da educação brasileira, o contexto atual de desmonte e a desvalorização do professor certamente impedem o espaço-tempo para um professor refletir e construir fundamentos teórico-metodológicos para suas práticas.

Esse desafio aqui se expressa na experiência revelada pelo autor. No entanto, assusta saber que essa possibilidade não é universal, sobretudo nos níveis fundamentais do ensino e, neles, na Geografia.

É, também, por essa razão que esta obra é relevante. Seu texto discorre sobre ensinar Geografia, pesquisar em Geografia, tratando-se, portanto, de um texto de significância, seja na construção do conceito sobre paisagem, seja na reflexão sobre as práticas geográficas.

O aporte teórico deste livro vem ao encontro do debate contemporâneo no que diz respeito à unidade da Geografia e, nesse sentido, resgata a necessidade de pensar a Geografia de forma unitária, a partir do olhar do presente.

O autor encontra na Filosofia possibilidades de respostas. Seu texto é provocativo e alerta para distinguir, sem compartimentar, espaço e tempo, razão e emoção, material e imaterial.

Ousada proposição que, certamente, contribuirá para um novo pensar sobre a paisagem, conforme se refere e demonstra a partir da experiência trazida do diálogo entre Europa e América Latina, uma aproximação que sinaliza como cultura paisagística, já regulada, em parte, na Convenção de Florença ou Convenção Europeia de Paisagem desde 2000, cuja expressão é incipiente no Brasil.

Enfim, compreendendo que natureza não é paisagem, da mesma forma que não é ambiente, posto que entendo que natureza é *tudo aquilo que foi produzido sem intencionalidade humana, inclusive no próprio humano*, é que seu dizer – natureza não é paisagem, mas paisagem é natureza – torna esta obra, com todos os seus desdobramentos e o possível diálogo, altamente promissora.

Ainda que de cunho filosófico, trata-se de uma leitura geográfica que certamente trará reflexões àqueles que, ao se interessar pelo tema, acompanharem de forma atenta sua leitura.

Fico gratificada por ler esta obra em primeira mão e nela ver expresso um sentimento de mundo.

Boa leitura!

Dirce Maria Antunes Suertegaray
João Pessoa-PB, novembro de 2018.